

## ALÉM DAS CHARQUEADAS A comunidade do Passo dos Negros e a potência da arte

**Gabriela Pecantet Siqueira<sup>1</sup>, Martha Rodrigues Ferreira<sup>2</sup>  
e Louise Prado Alfonso<sup>3</sup>**

O *Passo dos Negros*, que está localizado em Pelotas, RS, às margens do canal São Gonçalo, foi local do primeiro porto da cidade, fez parte do trajeto de passagem das tropas e da chegada de pessoas escravizadas à região, o que deu origem ao seu nome. Hoje é uma região da periferia, invisibilizada por anos nos discursos oficiais, mas que se tornou alvo recente da especulação imobiliária (SILVEIRA; ALFONSO; DA CRUZ, 2020). As principais lutas e reivindicações da comunidade que vive ali estão relacionadas à valorização cultural-identitária do local e à sua importância na constituição sócio-histórica da cidade como uma forma de resistência, na tentativa de se manter na localidade.

O presente texto procura apresentar o *Passo dos Negros*, bem como reflexões a respeito das periferias de Pelotas, a partir de colagens digitais elaboradas para o módulo *Além das Charqueadas* na exposição digital *Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*<sup>4</sup>. O módulo foi fruto de uma parceria entre a comunidade do *Passo*, pessoas da periferia pelotense e o projeto de pesquisa *Margens: Grupos em processo de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*<sup>5</sup>. Bem como, foi construído com poemas, considerações sobre periferia, áudios de moradores/as/us<sup>6</sup> do *Passo*, além de um *tour* virtual pela comunidade.

Com as colagens digitais procurou-se evidenciar a periferia como um lugar que faz-cidade e que dá vida à urbe com movimentos que relacionam as margens e o centro (AGIER, 2015) e, também, valorizar as dinâmicas que tecem as relações entre as pessoas e a periferia. A elaboração das colagens surge em um processo de aproximação do repertório conceitual dos/as/es interlocutores/as/us, no qual a etnografia foi método fundamental, com técnica própria das artes visuais capaz de dar visibilidade aos elementos que compõem o *Passo*, seus *modos de fazer e de criar* como práticas culturais cotidianas (CERTEAU, 2008) em um evento oficial da cidade.

Através destas criações, buscou-se explorar a arte como ferramenta potente em suscitar a atenção às margens, o que na atual conjuntura pandêmica se faz ainda mais necessária. Com a proliferação da Covid-19 as lutas diárias travadas nas periferias se tornaram mais árduas, sobretudo, devido à precariedade da infraestrutura destas localidades. No caso da comunidade do *Passo dos Negros*, a região não apresenta

serviços como abastecimento de água, luz, esgoto, coleta de lixo, transporte coletivo e o atendimento básico de saúde mais próximo está a 5Km (MARGENS, 2020).

Neste contexto, a população inventa formas para subverter as limitações materiais, a especulação imobiliária e os desafios que a pandemia coloca. Cabe à arte somar-se às táticas utilizadas nas práticas cotidianas (CERTEAU, 2008), a arte enquanto manifesto. Foi a partir desta dinâmica que a exposição foi pensada, de forma a escancarar as fragilidades do viver na periferia, considerando as possibilidades da proposição de políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida destas comunidades. Se contrapondo assim, a grupos que usam destas mesmas fragilidades para justificar a remoção dessas populações e a elitização destes locais.

### Referências

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3. Rio de Janeiro. Dez. 2015.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes. 2008.

DA CRUZ, Larissa; ALFONSO, Louise Prado. *Passo dos Negros: Não há dinheiro que (a)pague essas histórias. VI Congresso de Extensão e Cultura da 5ª Semana Integral da UFPel*. 2019.

MARGENS. Módulo Além das Charqueadas: Na Pandemia. In.: *Exposição digital Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas*. 2020. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/margens/na-pandemia/>>. Acesso em: 15 de março de 2021.

SILVEIRA, Melina Monks; ALFONSO, Louise Prado; DA CRUZ, Larissa. O. Cidade em disputa: Narrativas do Passo dos Negros em Pelotas, RS. *Revista Iluminuras*, v. 21, p. 444-449. 2020.

1 Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas.

2 Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

3 Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. Coordenadora do projeto de pesquisa *Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*.

4 Desenvolvida pelo projeto de pesquisa *Margens* e lançada como parte das comemorações do Dia do Patrimônio da cidade de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>.

5 Vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel.

6 Na língua portuguesa não existe um pronome neutro oficial e no Brasil não é obrigatório o uso da linguagem inclusiva. Contudo, optamos por adotá-la nesta escrita, pois acreditamos que o uso de um vocabulário neutro é fundamental para abranger a diversidade de identidades.

Figura 1 - A colagem traz dois moradores de gerações distintas conectados pela história do Passo dos Negros. O ato de contar torna-se uma forma importante de manter viva as narrativas da comunidade, transmitindo-as de geração para geração. Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2020.



Figura 2 - A noiva de branco é um dos seres que vivem no Passo dos Negros. Contam os/as/us moradores/as/us que uma noiva se enforcou em uma das figueiras centenárias da região e, desde então, quando o sol se põe ela está lá (DA CRUZ; ALFONSO, 2019). Esta narrativa nos apresenta moradores/as/us humanos e não-humanos daí. Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2020.

Figura 3 - Há muito tempo a história negra de Pelotas vem se construindo ali, no cotidiano das pessoas, nas suas formas de habitar, movimentar, criar redes, de viver... As práticas, no dia a dia das periferias, falam muito sobre a cidade. Por que estas pessoas têm menos direito à cidade que outros grupos? Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2020.

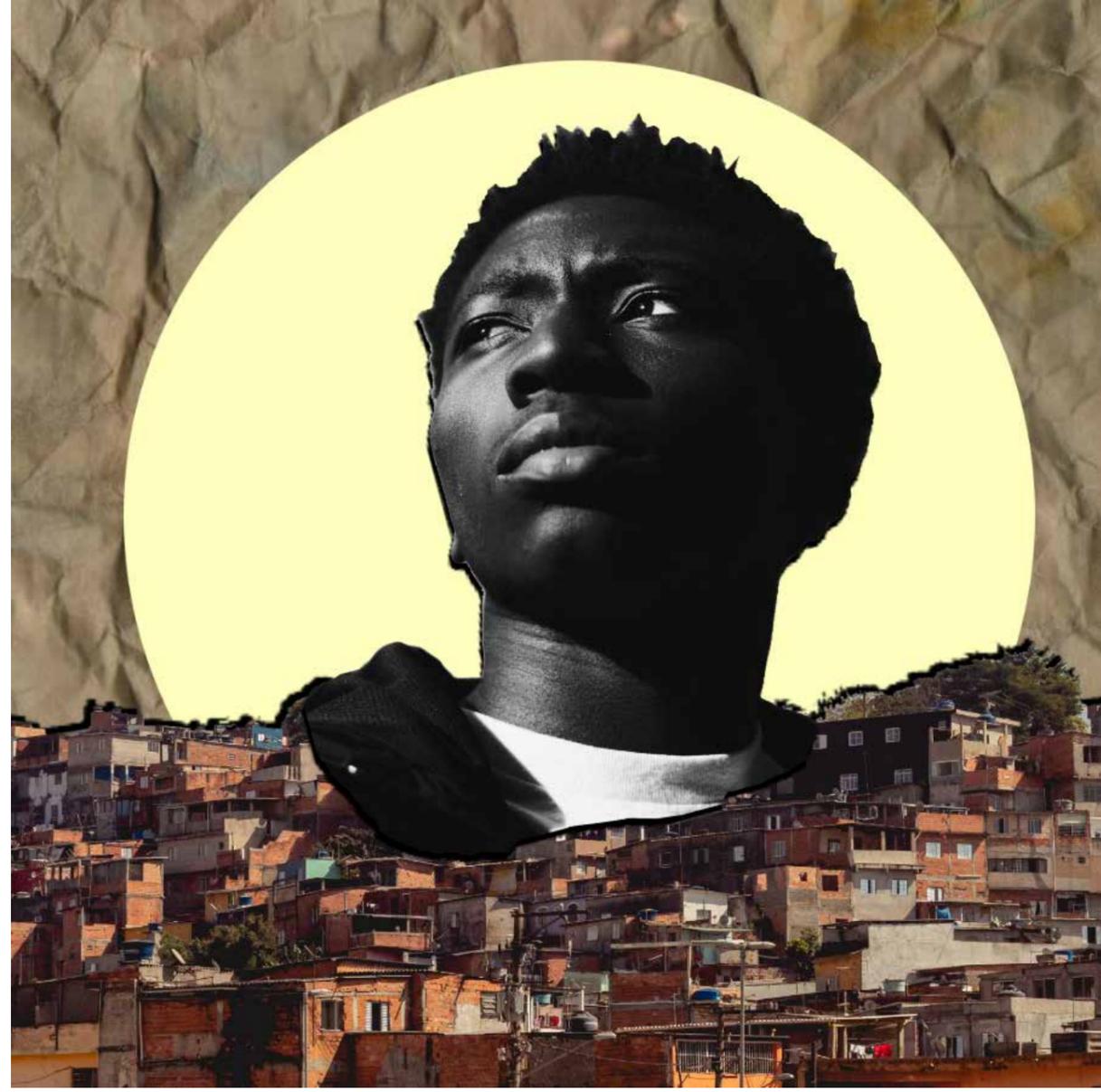


Figura 4 - "Estar às margens não significa estar isolado/a, separado/a do centro, mas estar em intensa relação" (MARGENS, 2020). A valorização da periferia, de seus saberes e olhares, deve contribuir para se pensar a cidade, não apenas em sua virtualidade (AGIER, 2015), mas sim em sua materialidade. A cidade planejada incluindo estes grupos e não expulsando, afastando. Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2020.

Figura 5 - A arte possibilita essa visibilidade das lutas e das táticas (CERTEAU, 2008) de resistência das comunidades negras de Pelotas para sua manutenção naqueles que consideram seus territórios. Como isso tem se dado durante a Pandemia? Temos evidenciado que a pandemia escancarou a falta de investimentos públicos nestes lugares. Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2020.



Figura 6 - Esta colagem, na exposição, teve como proposta refletir sobre os desafios de moradores/as/us das periferias durante a pandemia. O distanciamento social não é possível em alguns contextos. Como moradores/as/us da periferia podem praticar o distanciamento social, se algumas famílias dividem quartos entre mais de dois membros? Como pensar a prevenção da Covid-19 nas periferias se o saneamento básico é deficiente? Quem pensa a cidade está olhando para as periferias? A partir de quais interesses? Autoria: Gabriela Pecantet Siqueira, 2020.